



A finitude como consciência da morte em O Sétimo Selo de Ingmar Bergman

The finitude as awareness of death in The Seventh Seal by Ingmar Bergman

Luciana Helena Mussi

Beltrina Côrte

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil

Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a finitude e sua contextualização histórica através do filme *O Sétimo Selo* de Ingmar Bergman. Discute a visão do cineasta, especialmente a existência humana tendo como eixo condutor uma reflexão sobre envelhecimento e morte, questões ligadas ao sentido da vida. Utilizamos a pesquisa documental e bibliográfica, convidando autores a dialogarem com uma arte expressa por imagens e palavras, útil e pertinente quando se estuda temas angustiantes como finitude e envelhecimento. Bergman, a partir da sua própria perspectiva existencialista, trabalha questões como a manipulação da fé pela Igreja, a exploração da ideia da peste como castigo divino e a expiação dos pecados pela dor. A investigação realizada cumpre seu objetivo, mostra que a arte que se faz através do cinema se resume na busca do conhecimento como chave para a compreensão das inquietudes do que representa o morrer para um Ser Finito, independente da velhice.

Palavras-Chave: envelhecimento; morte; cinema

Abstract

This paper aims at reflecting on the finitude and its historical contextualization through the movie *The Seventh Seal* by Ingmar Bergman. It discusses the view of the filmmaker, especially human existence, having as a guide axis a reflection on aging and death, issues related to the meaning of life. We use documentary and bibliographical research, inviting authors to dialogue with an art expressed through images and words, useful and relevant when studying distressful topics such as finitude and aging. Bergman, from his own existentialist perspective, works issues such as the manipulation of faith by the Church, the exploration of the idea of plague as divine punishment and atonement for sins through pain. The investigation fulfills its purpose, shows that the art made through the cinema summarizes itself in the searching of knowledge as the key to understanding the disquietude of what means the dying for a Finite Being, regardless of age.

Keywords: aging; death; cinema

Introdução

Nas últimas décadas as “velhices e envelhecimentos” vêm ocupando cada vez mais as telas do cinema. Um envelhecimento que até então ocupava um lugar muito reservado nos lares brasileiros passou a ser público, aproximando-nos do estranhamento do envelhecer, da nossa própria finitude e do inexorável fim de todos nós. Estudando essas questões, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a finitude e sua contextualização histórica através

do filme *O Sétimo Selo* de Ingmar Bergman. Discute a visão do cineasta, especialmente a existência humana tendo como eixo condutor uma reflexão sobre envelhecimento e morte, questões ligadas ao sentido da vida. Acredita-se que esta pesquisa atinge seu objetivo: tem relevância teórica, prática e social, contribuindo com subsídios para a compreensão das inquietudes do que representa o morrer para um Ser Finito, independente da velhice.

O Sétimo Selo, filme do cineasta sueco Ingmar Bergman, descreve a parábola do cavaleiro medieval, Antonius Block (Max Von Sydow) que, no momento em que está voltando para casa com seu fiel escudeiro Jons (Gunnar Björnstrand), após um grande período de ausência, no qual estivera lutando nas cruzadas, encontra o país devastado pela morte e pela peste. Subitamente, nesta jornada, Block é surpreendido com a visita da Morte (Benget Ekerot), que quer levá-lo, considerando que seu tempo na Terra acabou. Uma figura lúgubre, com seu manto negro, fala ríspida e tranquila, acaba desafiada por este cavaleiro a um jogo de xadrez, concedendo assim, o adiamento da sua sentença, em um cenário muito íntimo e já visto através dos murais do famoso pintor medieval sueco, Alberto Pictor (Hessen, 1440 – 1507).

Na viagem pela terra natal, retornando para casa, cavaleiro e escudeiro encontram o ingênuo, mágico e “santo casal” de saltimbancos, Jof, Mia e o bebê; o dono da companhia de teatro, o embusteiro Skat; Plog o ferreiro traído e sua infiel esposa Lisa; um padre entre tantos fanáticos, ladrões e patifes como Ravel e a entristecida Karin, aquela que espera a volta do marido, o cavaleiro Block. No fim, todos serão arrebanhados pela Morte, mas “alguns” terão, ainda, uma chance de vida.

A cena de abertura do filme dá o tom: antes de qualquer imagem, a música sentida e cantada em *Carmina Burana* de Carl Orff com “Dies Irae”¹, começando solene. Segundo Bergman (1996), *Carmina Burana* tem como base canções de viajantes medievais, dos anos da peste e da guerra, quando uma multidão sem teto percorria o país, estudantes, monges, padres e saltimbancos compondo canções que se ouviam nas festas religiosas e nas feiras.

A morte retratada na tela negra de *O Sétimo Selo* ocupa nossa visão e, logo, um clarão acompanhado por um coro. Em seguida, outro clarão que vai definindo o tenebroso céu claro-escuro. Uma águia paira no céu, como se flutuasse numa maré calma de fim de tarde. A introdução de *O Sétimo Selo* aterroriza e deslumbra ao mesmo tempo, anunciando a história que será contada.

Uma certa voz previne a todos, pobres seres mortais e finitos: “Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo houve um silêncio no céu por cerca de meia hora. Eu vi sete anjos diante de Deus e a eles foram dadas sete trombetas”.

No livro do Apocalipse de João, capítulo 8², o sétimo selo revela que sete anjos prenunciarão a derrocada da humanidade.

1 Dies Irae (A Ira de Deus) foi composta na 2ª metade do século XIII, é associada às missas dos mortos.

2 Web Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_16.htm.



Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora.

Então vi sete anjos diante de Deus e a eles foram dadas sete trombetas.

Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono;

e da mão do anjo subiu à presença de Deus o fumo do incenso, com as orações dos santos.

E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto.

Então os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar.

Bergman (1996), em “Imagens”, confessa, justificando a existência de *O Sétimo Selo*:

Naquele tempo eu vivia com uns restos estiolados de uma fé de criança, a ideia absolutamente ingênua do que se poderia chamar uma possibilidade de salvação para além deste mundo. Minha convicção atual começava também a se manifestar. Segundo ela, o ser humano tem dentro de si sua própria Santidade, que é deste mundo e não tem explicação fora dele. Daí haver no filme esse resto de uma fé sincera, infantil, isenta de neurose, conjugando-se com uma concepção mordaz e racional da realidade.

O “Sétimo Selo” é, definitivamente, a expressão de uma das últimas ideias e manifestações de fé que eu herdara de meu pai e que alimentara desde a infância.

Quando fiz o filme, as orações eram realidades em minha vida. Rezar, para mim, era um ato absolutamente natural.

Com o filme “Através de um espelho” pus termo a essa herança. Nesse filme mantém-se a tese de que todo conceito divino, que é obra do homem, tem necessariamente de ser o conceito de um monstro. Um monstro com dois rostos ou, como a personagem Karin diz: “o deus-aranha” (pp. 234-235).

Ele conta que, frequentemente, ia a igrejas com seu pai. Numa igreja em Uppland (Suécia), em algum lugar na nave central há uma obra de Albertus Pictor. A pintura retrata a morte: a morte jogando xadrez com um cavaleiro.

Para o cineasta, o cerne de *O Sétimo Selo* é o medo insano da morte, um tormento, um sofrimento sem dimensão. Tudo relacionado à morte era horrível. Do horror e do temor da bomba atômica, surgiu a história sobre a peste e a viagem de volta dos dois cavaleiros. E é claro que havia toda a questão representada pela religião, como “Existe Deus? Não existe Deus?” *O Sétimo Selo* não traz uma resposta para esta questão. O Deus de Bergman estava silencioso. Apesar disto, o cavaleiro Antonius Block, clamava por conhecimento, respostas para o enigma de uma existência não compreendida.

Desenvolvimento

Deitado nas pedras com sua espada, o mar à frente e um tabuleiro de xadrez ao seu lado, o cavaleiro tem um olhar perdido, talvez em alguma batalha sem propósito. Seu fiel

escudeiro, Jons, com uma faca em punho, largado nas pedras, quase morto, finalmente se movimenta. Dois cavalos pretos no mar aguardam seus donos. Block caminha até o mar, se banha rapidamente, Jons, tenta rezar, mas não consegue. Subitamente Block é surpreendido com a aparição de uma figura um tanto estranha:

- Block: Quem é você?
- O Estranho: Eu sou a Morte.
- Block: Você veio me buscar?
- A Morte: Ando com você há muito tempo.
- Block: Eu sei.
- A Morte: Está preparado?
- Block: Meu corpo está, mas eu, não. (O abraço da Morte se aproxima.)
- Block: Espere.
- A Morte: Está bem, mas não posso adiar.
- Block: Você joga xadrez?
- A Morte: Como sabe?
- Block: O Cavaleiro: Eu já vi nas pinturas.
- A Morte: Posso dizer que jogo muito bem.
- Block: Se eu vencer, viverei. Se for xeque-mate, me deixará em paz. Jogue com as pretas.
- A Morte: Muito apropriado, não acha?

Essa “Morte” retratada por Bergman é misto de palhaço e caveira. Pode-se zombar desta figura tão ameaçadora e ao mesmo tempo tão engraçada? Quem permitiu tão estranha aparição? Só mesmo um palhaço ou a morte chegam assim, inesperadamente, sem convite. Fazendo-a, quase, um palhaço, Bergman sentia que exercia algum tipo de controle sobre ela e nada melhor do que o desafio do xadrez, um jogo que exige concentração e o conhecimento da alma de seu oponente. Neste início a Morte é desafiada, num contrato, numa negociação firmada entre Vida e Morte e entre eles a negociação do tempo, a consciência da finitude, da passagem dos segundos, minutos, horas (talvez)...

Assim, o cavaleiro aceita as regras do jogo, ele quer viver, prolongar o máximo que puder sua estada. Otto Lara Resende³ citado por Figurelli (2005), ainda argumenta: “terá ele a oportunidade de ver que, “sem a morte, a vida não teria o menor sentido” (p. 130).

Acionado o cronômetro, com o tempo correndo, Block e Jons seguem viagem. No retorno para casa, seu fiel escudeiro Jons, canta, provocando seu senhor: “- Entre as pernas de uma prostituta está o conforto para um homem como eu. Deus está lá em cima, ele está tão longe, mas o seu irmão diabo encontramos por todos os lados.”

Na realidade, ele se refere à peste, à morte, ao fim, que acabarão encontrando pelo percurso; a morte eloquente, mas melancólica, que muito diz na sua mudez. Lá longe está um Deus, calado, inacessível.

Block permanece em silêncio. Qualquer palavra falada representa perigo. Os dois param durante o percurso, precisam de informação para chegar ao destino.

³ Otto de Oliveira Lara Resende (São João Del-Rei, 1922 – Rio de Janeiro, 1992) foi jornalista e escritor brasileiro.

"- Jons fala a um homem que encontra: Como chego à Taverna?"

Como o homem não responde, Jons tenta ver seu rosto. Surpreso, este vê que o homem já se transformou em um corpo em decomposição. Jons monta seu cavalo, sem nada falar. "Ela está por todos os lados, caminhamos entre corpos que agonizam, abandonados", pensa ele.

Num país arruinado pela peste e pelo sofrimento, a Morte está necessariamente onipresente, ela espreita soberana, cada passo, cada movimento. Uma Morte que, quase, pode ser tocada, aquela que tem e conhece o vazio das almas que esperam. Bergman usa a imagem significante da luta travada numa partida de xadrez para descrever sua própria suposição pessoal sobre Deus e religião. Utilizando a peste e o flagelo, ele oferece reflexões sobre as crenças religiosas de cada um, com a aceitação da infecção - a morte contagiosa - e da predestinação de suas vidas, de formas variadas: dependendo de suas inclinações espirituais e de seu relacionamento com o Deus - que eles entendem como criador, instigador de todos os acontecimentos e salvador - e com o demônio, que deve ser derrotado e banido (Frost-Sharratt, 2009).

Bergman (1996) conta que na realização de *O Sétimo Selo* ainda se sentia preso na problemática religiosa. O filme apresenta dois conceitos que se exprimem cada um na sua própria linguagem: de um lado um armistício relativo entre a crença religiosa, de menino, e um rude racionalismo, de adulto. Depois a ideia de que o Homem é um ser sagrado, retratado através do casal de saltimbancos, Jof e Mia:

Jof e Mia são, para mim, uma imagem importante, pois, mesmo excluindo a teologia, sua natureza divina persiste. O filme também mostra uma atitude amistosa quanto à imagem da família: é a criança que vai conseguir o milagre. Graças a ela, a oitava bola que o malabarista atira para cima vai ficar parada, no ar, uma fração de segundo. Em *O Sétimo Selo* nada é mesquinho. (pp. 233-234)

Na visão do cineasta, cabe à criança conseguir o milagre da vida. "Nada é mesquinho neste filme" porque todos os medos e desejos estão presentes numa constrangedora exposição, é como se os sentimentos de Bergman estivessem à flor da pele, em carne viva, ele se desnuda cruelmente diante das câmeras.

Neste retorno ao lar, Block e Jons passam pelos saltimbancos (Jof, Mia, o bebê e Skat). Mais tarde todos os personagens, pecadores e não pecadores, inocentes e culpados se encontrarão. Quem será poupadão?

Mas a visão, apenas o ingênuo Jof tem. Assim acontece a aparição divina da Virgem Maria com seu bebê. Ela usa uma coroa dourada e um manto azul com flores. Está descalça, tem mãos pequenas e ensina um bebê a caminhar. Com lágrimas nos olhos de um pobre saltimbanco com a imagem da santa, vemos a expressão da vida. Então, houve um silêncio que se espalhou por toda parte, pelo céu e pela terra.

Bergman (1996), sobre as visões divinas de seu personagem Jof, analisa os filmes *O Sétimo Selo* e *Fanny e Alexander*, comparando os personagens centrais:

Jof é um personagem que antecede a do rapazinho de "Fanny e Alexander". Alexander se zanga porque, apesar de ter medo deles, é obrigado a conviver constantemente com fantasmas e demônios. Por outro lado, não pode deixar de contar suas histórias inventadas, fazendo isso para se dar ares de importante. Jof é ambas as coisas: um fanfarrão e um visionário. Jof e Alexander são, por sua vez, parentes do menino Bergman. É que eu, quando criança, vi, é certo, muitas coisas, mas em geral eu mentia. E quando as visões não bastavam, inventava-as (p. 236).

Na longa jornada, Block e Jons seguem viagem. O sino da igreja toca. Eles param. Jons encontra um pintor na igreja e inicia uma conversa, será o "falar alegórico" sobre a "temida".

- Jons: O que isto representa?
- Pintor: A Dança da Morte.
- Jons: Esta é a Morte?
- Pintor: Sim, ela dança com todos.
- Jons: Por que você pinta isso?
- Pintor: Para todos lembrarem que morrerão.
- Jons: Não vão olhar a pintura.
- Pintor: Claro que vão. Um crânio é mais interessante do que uma mulher nua.
- Pintor: É incrível, mas as pessoas acham que a peste é um castigo de Deus. E aquelas que se consideram escravas do pecado se flagelam pela glória de Deus.

Para o assustado Jons, a pintura sugere o próprio medo das pessoas em relação à danação. Morin (1951/1997) afirma ironicamente, referindo-se ao cristianismo, que Deus nasce e vive da noção de morte: "A religião é determinada unicamente pela morte. Cristo irradia em torno da morte, só existe para e pela morte, traz consigo a morte e vive da morte" (p. 194).

O historiador Philippe Ariès (1975/1989) expõe a morte e o modo como foi vivenciada pelo homem em cada época, a partir da sua obra *História da Morte no Ocidente*. Para o autor, houve um longo período na história, no qual as mudanças no modo como a morte era percebida ocorriam muito lentamente e eram quase imperceptíveis. A vivência da morte se dava em família, era a chamada "morte domada". Acreditava-se no destino coletivo e aceitava-se a ordem natural das coisas, pois a socialização não separava o homem da natureza. Era o mundo dos vivos e dos mortos ligados por uma relação quase simbiótica e aos mosteiros cabia o papel de interceder junto ao "além" em favor da sociedade.

É no século XV, segundo Ariès, que a morte passa a estar profundamente ligada a "morte física, carniça e podridão, a morte macabra".

No século XIV é visível a preocupação em esculpir com realismo as feições do morto enquanto vivo, para ser identificado como tal e perpetuada a sua memória, originando a

procura da verossimilhança no retrato. Em meados deste século, esta tendência e a reflexão sobre a morte, aliada ao progresso nos estudos anatômicos, conduz à representação do corpo mirrado do morto, envolto num lençol ou nu, como cadáver em decomposição, revelando a consciência da precariedade do corpo e da perenidade do espírito, além do gosto pelo mórbido.

Nenhuma outra época, como a do declínio da Idade Média, se atribuiu tanto valor ao pensamento da morte. Segundo Huizinga (1924/1985), a queixa sem fim da fragilidade da glória terrena era cantada em várias melodias: Onde estão agora aqueles que, em dado momento, encheram o mundo com suas vidas? Quão angustiante é a constatação da beleza humana reduzida a decrepitude. A inevitável dança da morte com Hades (o soberano do mundo inferior), democraticamente, arrastando homens de todas as condições e idades.

No transcorrer do século XV, dois tempos convivem paralelamente: o tempo da igreja, regido pelo sino, pela oração, dom inseparável do homem, e o tempo laico, organizado matematicamente pelo relógio, pelos marcadores humanos.

O século XIV, cenário de *O Sétimo Selo*, assinala o apogeu da crise do sistema feudal, representada pelo trinômio “guerra, peste e fome”, que juntamente com a morte, compõem simbolicamente os “quatro cavaleiros do apocalipse” no final da Idade Média.

O homem que lutava pelas Cruzadas, na chamada guerra santa, via seu país devastado pela peste e começava a questionar sua fé. Bergman desenvolve essa ideia apresentando diversos elementos do sistema simbólico medieval a partir da sua própria perspectiva existencialista: questões delicadas, como a manipulação da fé pela Igreja, a exploração da ideia da peste como castigo divino e a expiação dos pecados pela dor que, inclusive, motivou um movimento popular em 1348, conhecido como flagelantes – representado em uma das cenas célebres do filme.

Numa visão crítica, Elias (1982/2001) ressalta a visão romântica da morte entendida por Ariés na interpretação dos dados históricos, especialmente quando fala ter havido um tempo em que a relação do ser humano com a morte era calma e revestida de serenidade. Pontua a presença do tormento e da angústia como algo que sempre permeou a relação do ser humano com a morte, pois está implicada na consciência da morte:

O certo é que a morte era tema mais aberto e frequente nas conversas na Idade Média do que hoje. A literatura popular dá testemunho disso. Mortos, ou a Morte em pessoa, aparecem em muitos poemas. Em um deles, três vivos passam por um túmulo aberto e os mortos lhes dizem: “O que vocês são, nós fomos. O que somos, vocês serão.” Em outro, a Vida e a Morte discutem. A Vida se queixa de que a morte está maltratando seus filhos; a Morte ostenta seu sucesso. Em comparação com o presente, a morte naquela época era, para jovens e velhos, menos oculta, mais presente, mais familiar. Isso não quer dizer que fosse mais pacífica. Além disso, o nível social do medo da morte não foi constante nos muitos séculos da Idade Média, tendo se intensificado notavelmente durante o século XIV. As cidades cresceram. A

peste se tornou mais renitente e varria a Europa em grandes ondas. Pregadores e frades mendicantes reforçavam tal medo. Em quadros e escritos surgiu o motivo das danças da morte, as danças macabras. Morte pacífica no passado? Que perspectiva histórica mais unilateral! (p. 21).

Com a angústia da morte na alma, Block se refugia na igreja diante de Cristo na cruz, o sino toca. Block avista um “suposto” padre no confessionário e caminha em sua direção.

- Block: Quero confessar com sinceridade, mas meu coração está vazio. O vazio é um espelho que reflete no meu rosto. Vejo minha própria imagem e sinto repugnância e medo. Pela indiferença ao próximo, fui rejeitado por ele. Vivo num mundo assombrado, fechado em minhas fantasias.
- Padre: Agora quer morrer?
- Block: Sim, eu quero.
- Padre: E pelo que espera?
- Block: Pelo conhecimento.
- Padre: Quer garantias?
- Block: Chame como quiser. É tão inconcebível tentar compreender Deus? Por que Ele se esconde em promessas e milagres que não vemos? Como podemos ter fé se não temos fé em nós mesmos? O que acontecerá com aqueles que não querem ter fé ou não tem? Por que não posso tirá-lo de dentro de mim? Por que Ele vive em mim de uma forma humilhante apesar de amaldiçoá-lo e tentar tirá-lo do meu coração? Por que, apesar de Ele ser uma falsa realidade eu não consigo ficar livre? Você me ouviu?
- Padre: Sim, ouvi.
- Block: Quero conhecimento, não fé ou presunção. Quero que Deus estenda as mãos para mim, que mostre Seu rosto, que fale comigo.
- Padre: Mas Ele fica em silêncio.
- Block: Eu chamo no escuro, mas parece que ninguém me ouve.
- Padre: Talvez não haja ninguém.
- Block: A vida é um horror. Ninguém consegue conviver com a morte e na ignorância de tudo.
- Padre: As pessoas quase nunca pensam na morte. Mas um dia na vida terão de olhar para a escuridão. Sim, um dia.
- Block: Eu entendo. Temos de imaginar como é o medo e chamar esta imagem de Deus.
- Padre: Está nervoso.
- Block: A morte me visitou esta manhã. Jogamos xadrez. Ganhei um tempo para resolver uma questão urgente.
- Padre: Que questão?
- Block: Minha vida tem sido de eternas buscas, caçadas, atos, conversas sem sentido ou ligações. Uma vida sem sentido. Não falo isto com amargura ou reprovação como fazem as pessoas que vivem assim. Quero usar o pouco tempo que tenho para fazer algo bom.
- Padre: Por isso jogou xadrez com a Morte?
- Block: Ela tem táticas inteligentes, mas até hoje não perdi para ninguém.
- Padre: Como vencerá a Morte no seu jogo?
- Block: Tenho uma jogada com o bispo e o cavalo que ele não conhece. Quebrarei sua defesa. (Finalmente, “O Padre” revela sua verdadeira identidade: “A Morte”)
- A Morte: Lembrarei disto. (Block se assusta ao perceber que foi enganado)

- Block: Você é um traidor [referindo-se à Morte] e me enganou. Mas nos encontraremos de novo, e eu acharei uma saída.
- A Morte: Nos encontraremos e continuaremos nosso jogo.
(A Morte se retira, Block fica sozinho e pensa)

Somos velhos porque o tempo é implacável, nos transforma e não no sentido de sermos vítimas de um passar dos anos maldito! Envelhecer é da vida, é parte e não fim. Como diz Concone (2007) em ‘Medo de envelhecer ou de parecer?’, “A morte aterroriza-nos e a passagem dos anos aproxima-nos dela. Parafraseando Marx, estamos habituados a pensar (ou teorizar) sobre a ‘morte em si’, dificilmente sobre a morte ‘para si’. Negar o idoso de carne e osso seria negar a finitude” (p. 21).

O diálogo entre Block e o “suposto” Padre – Morte mostra que não há como escapar do fim, não há saída, entretanto o conhecimento que o cavaleiro tanto implora pode, justamente, estar neste silêncio provocativo de Deus. Provocativo porque obriga o homem a olhar para dentro de si e buscar respostas que não estão fora, mas podem estar num processo de vida que inclua constantes nascimentos e mortes.

Caminhamos na direção da morte, os centímetros da régua dos anos diminuem a cada dia e nisto também reside um sopro, um desejo alucinante de vida. Mas Block não comprehende, talvez porque se senta um eterno pecador e queira justificativas, respostas prontas ou conhecimento do que não lhe é permitido saber, como ele mesmo diz, para um enigma que está na alma. E se nesta alma reside Deus, quem pode saber? O Deus de Block não está acessível.

Grün e Müller (2010), citando Jung, afirmam que a alma é uma instância curadora que opera em nós silenciosamente, é “força movente, força vital” (p. 18). Ela assume a direção de nossa vida quando falha o nosso eu consciente. Ela constitui uma referência para nosso mundo religioso.

Jung (1944/1991) em sua compreensão da alma, recorre sempre a representações mitológicas e religiosas. No capítulo *Introdução à problemática da psicologia religiosa da alquimia* em *Psicologia e alquimia*, volume XII das Obras Completas, o autor diz:

Assim como o olho corresponde ao sol, a alma corresponde a Deus. E, pelo fato de nossa consciência não ser capaz de aprender a alma, é ridículo falar acerca da mesma em tom condescendente ou depreciativo. O próprio cristão que tem fé não conhece os caminhos secretos de Deus e deve permitir que este decida se quer agir sobre ele a partir de fora, ou, interiormente, através da alma (p. 23).

Antonius Block exclama: “A vida é só horror e humilhação. Ninguém pode viver em face da morte sabendo que tudo é sem sentido”.

Há muitas maneiras de lidar com o fato de que todas as vidas, incluindo a nossa e daqueles que amamos, têm um fim. O fim da vida humana que chamamos de morte pode ser interpretado pela ideia de uma outra vida no reino de Hades, Deus do mundo inferior e dos

mortos, pela mitologia grega ou segundo a mitologia nórdica, no Valhalla, local onde os guerreiros vikings eram recebidos após terem morrido, com honra, em batalha. Nós, seres humanos, enfrentamos nossa própria finitude, tocados pelos conceitos de Inferno ou Paraíso que vieram dos antigos, conceitos estes que viajaram através dos tempos e formam atualmente nossa ideia de fim.

Outra possibilidade seria assumir a crença inabalável em nossa própria imortalidade, “os outros podem morrer, eu não”. A questão é: somos impotentes diante da mortalidade e morremos em qualquer fase da nossa breve ou longa vida.

Pessini (2009) lembra que a morte sempre nos visita, mansamente, espreita pela vida, desde cedo, talvez desde sempre. Ela se apresenta através das perdas de nossos entes queridos, e porque não dizer de todas as transformações sofridas, mortes subjetivas de partes de todos nós, que obriga a refletir sobre nossa finitude.

O olhar do cavaleiro, como um alter-ego de Bergman, expressa seu terrível horror a morte, mas principalmente a inquietante certeza de que se morresse, não existiria mais, sua total impotência diante da falta de controle sobre esse morrer, tão pouco palpável, desconhecido, silencioso. Essa consciência da morte, do nada, o aterroriza.

Assim Bergman (1996) afirma:

Que eu, de repente, tenha tido a coragem de dar à Morte a figura de um palhaço branco, personagem essa que conversava, jogava xadrez e não arrastava consigo quaisquer segredos, foi o primeiro passo em minha luta contra o horror que sentia da morte (p. 238).

Block pensa: “Esta é minha mão. Posso mexê-la. O sangue pulsa nela. O sol está alto no céu e eu, Antonius Block jogo xadrez com a Morte”. Na cena seguinte seu fiel escudeiro Jons aparece, novamente, conversando com o Pintor.

- Jons: Eu e meu senhor acabamos de voltar. Você me entende, pintor?

- Pintor: A Cruzada?

- Jons: Exatamente. Passamos 10 anos na Terra Sagrada sendo mordidos por cobras, mosquitos e animais selvagens, assassinados por pagãos, envenenados pelo vinho, infestados por piolhos que nos devoravam, e a febre que matava. Tudo pela glória de Deus. A Cruzada foi uma tolice que só um idealista inventaria. (Eles riem às gargalhadas). E a peste foi horrível. Sou o escudeiro Jons. Desprezo a morte, zombo de Deus, rio de mim mesmo e sorrio para as mulheres. Meu mundo é meu, e só acredito em mim mesmo. Ridículo para todos, até para mim mesmo, sem sentido para o Céu e indiferente para o inferno.

Jons se rebela pelo tempo perdido nas Cruzadas, para ele uma luta inglória por um Deus que não se revela, só oferece a morte, a desgraça e o sofrimento. Por isso ele diz que zomba de Deus e se delicia nos prazeres da carne, é a compensação por tanta humilhação e, o principal, por um tempo e uma vida que não retornam.

Toda a indignação de Jons pode ser resumida trazendo as palavras de Monteiro (2006) quando diz que “somos fadados a escolher sempre” e diante disto reside o derradeiro confronto com nossa finitude e a morte. E acrescenta:

Somos seres de passagem. A consciência da finitude e da morte são realidades estruturais presentes no processo de individuação ou da constituição de si mesmo. A alma, paradoxalmente, parece ter entre suas metas a morte e a continuidade da vida. Portanto, para a alma, a morte está presente como fiel escudeira. (pp. 43-44)

Na sacralidade de uma procissão surge Cristo na Cruz, acompanhado por leprosos, sacrifícios múltiplos, violência, fanatismo, e tudo em nome de Deus - o martírio dos flagelantes. O início é marcado pela apresentação dos artistas (Jof, Mia e Skat), numa inocente maneira de divertir o público do vilarejo. Eles dançam, cantam, brincam e tocam instrumentos. Mas o contraste é revelado: a alegria dos artistas seguidas de dor, culpa, desespero e fé dos torturadores: “Eles acreditam que a peste é um castigo de Deus por eles serem pecadores”. Os olhos de Jof e Mia se enchem de espanto, assim como a de todas as pessoas que veem a procissão. A música comove, fere e ressalta a dor.

Os flagelantes passam por uma porteira carregando imagens e cruzes, sinalizando a culpa e a penitência. Pobres seres, vestidos como monges, com roupas esfarrapadas, rezam, gemem, gritam e sofrem ao som dos chicotes. Um padre fala ao povo:

Deus mandou Seu enviado. Silêncio! Todos padecemos com a Morte Negra. Você aí, parado como um animal bovino e você, sentado com este ar de auto-complacência. Sabem que pode ser o fim de todos. A morte está atrás de vocês. Posso ver sua sombra refletindo no sol. Sua ceifeira brilha quando a levanta sobre suas cabeças. Quem será o primeiro a morrer? Você aí, olhando feito um tolo, sua boca emitirá seu último gemido antes do anoitecer. E você, mulher! Que leva uma vida de abundância e luxúria. Irá murchar e desaparecer antes do amanhecer. E você aí! Com seu nariz inchado e sorriso de idiota. Tem mais um ano para desgraçar a terra com seu desprezo. Todos vocês, idiotas e tolos sabem que morrerão! Hoje, amanhã, depois de amanhã! Estão condenados! Vocês ouviram? Condenados! Senhor, tenha piedade de nós em nossa humilhação! Não nos castigue, tenha piedade de nós em nome de Jesus!.

A procissão segue, promovendo atrocidades e promessas de danação eterna, a verdadeira exploração da fé e como diria Bilharinho (1999), “dos mais tristes atestados da debilidade, desorientação e desvios humanos” (p. 23).

Entretanto, como diria o mesmo autor, convivendo com estes terríveis aspectos da vida social, coexistem a alegria e a felicidade, encarnadas no casal de saltimbancos, atores ambulantes que percorrem estradas e localidades distribuindo esses dons e predicados do seu humano.

Com isso Bergman quis mostrar que ainda existe espaço para a celebração da vida representada por Mia, Jof e o bebê e os sofridos e inconformados viajantes, Block com seu tabuleiro e Jons com sua justiça.

Bilharinho (1999, p. 24) complementa este quadro de opostos:

De um lado, a maldade, a tristeza, a peste, a ignorância, o fanatismo, as cores negras, o instável modo de vida. De outro, a luminosidade, a alegria, a felicidade, o encantamento, o mundo mágico dos puros, dos poetas e dos artistas. A força da vida e sua continuidade (p. 24).

E na celebração da vida, a refeição é iniciada: uma cena que lembra Cristo e seus apóstolos. No lugar do pão, os morangos; no lugar do vinho, o leite. Na celebração de Cristo, um traidor; entre os nossos personagens a Morte. Como bem disse Bergman, nada é mesquinho em *O Sétimo Selo*. Emocionado, Block chora a dor da despedida e guarda a mais calorosa lembrança deste encontro com Jof e Mia

- Block: A fé é uma aflição dolorosa. É como amar alguém que está no escuro e não sai quando chama. Não me esquecerei deste momento: o silêncio, a tijela de morangos e o leite. Seus rostos na luz do entardecer. O bebê dormindo na carroça e Jof com sua canção. Tentarei lembrar do que dissemos e levar esta lembrança entre minhas mãos com cuidado, como se fosse uma tijela cheia de leite. Isto será um símbolo para mim e uma grande ajuda.

Como menciona Figurelli (2005), “este hino às pequenas alegrias do cotidiano precede a realização de mais um lance de xadrez entre o cavaleiro e o Anjo da Morte, após a horrorífica travessia da floresta” (p. 132).

Juntos, o grupo segue viagem, pensativos e amedrontados, cada qual rumo ao seu próprio confronto. Param para um breve descanso, olham o horizonte. Block levanta, se afasta e vê...a seu lado, a Morte que espreita. Ela diz a Block: “Estive esperando”.

Em silêncio, ela os acompanha, mas desta vez decide assombrar o covarde fujão e pecador, Skat, que se esconde descansando no tronco de uma árvore. De repente...

Skat: - Está cortando minha árvore? Por que está cortando minha árvore.
Poderia pelo menos ter a educação de dizer quem é?
- A Morte: Estou cortando a árvore, pois seu tempo acabou.
- Skat: Não tenho tempo para isto.
- A Morte: Não tem tempo?
- Skat: Tenho uma apresentação.
- A Morte: Foi cancelada, o ator morreu.
- Skat: Não tem um perdão especial para atores?
- A Morte: Não neste caso.
- Skat: Nenhuma alternativa? Nenhuma exceção?

E a Morte, implacável, continua cerrando a árvore até que... um rato aparece sobre o toco do tronco recém-cortado. Sabemos com isso que o pecador Skat está morto. Ele teve sua punição, não houve adiamento da pena, nem concessão especial para atores. Os infieis merecem a morte. Ele foi o primeiro a “saber-se finito”.

O grupo continua sua viagem pela floresta. Todos têm medo. Jof avisa “As árvores estão silenciosas, porque não há vento, não há um som sequer, se pudéssemos ouvir uma raposa, ou uma coruja, ou uma voz humana...além das nossas”. A natureza tem medo. Todos estão assustados e se entreolham. Passa uma jaula com uma jovem e suposta bruxa indo para a execução.

Ao chegar no local, Block vai ao encontro da jovem:

- Block: Dizem que esteve com o diabo.
- Bruxa: Por que pergunta?
- Block: Tenho um motivo especial. Quero encontrá-lo. Quero perguntar a ele sobre Deus. Ele deve conhecê-lo mais do que qualquer um.
- Bruxa: Podevê-lo quando quiser. Faça o que eu mandar. Olhe nos meus olhos. O que está vendendo? O que vê?
- Block: Vejo muito medo nos seus olhos, nada mais. Nada mais.

Bergman na “pele” de Antonius Block discute a existência humana, questões ligadas ao tão procurado sentido da vida, da imortalidade da alma e a existência de Deus. O angustiado cavaleiro se aproxima da jovem, supostamente, possuída pelo demônio e insiste: “Quero perguntar ao Diabo sobre Deus. Pelo menos ele, já que ninguém mais sabe, poderá dizer-me alguma coisa”.

Frankl (1981/2008), em seu livro *Em busca de sentido*, fala de uma conquista interior, talvez a chave do enigma existencial que nosso personagem Block tanto procura:

A liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar a sua vida de modo que tenha sentido (...) Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá (p. 90).

Para o inconformado Block o sentido da vida está muito além dele. Como a própria Morte já disse, respostas fáceis não virão, o sentido da existência se faz e se constrói numa vida que também é sofrimento. Jons lamenta o destino da jovem:

- Jons: Quem cuida dela? Um anjo, o diabo, Deus, ou é apenas o vazio? O vazio.
- Block: Não pode ser.
- Jons: Veja os olhos dela. Ela está descobrindo algo. O vazio sob a lua. Estamos impotentes pois vemos o que ela vê e tememos o mesmo. Pobre criança. Não posso suportar! Talvez seja o Juízo Final.
- Gemidos são ouvidos: - Tem um pouco de água? Preciso de água.
Na verdade, é Raval, o padre traidor que diz que está com a peste.

- Raval: Estou com medo de morrer! Não quero morrer! Não tem piedade de mim? Ajudem-me. Pelo menos, falem comigo! Eu vou morrer. Eu...o que acontecerá comigo? Pelo menos, confortem-me. Não veem que estou morrendo? Não vão me ajudar? Quero água. Ajudem-me!

Raval grita desesperadamente e morre.

Bergman (1996) conta que esta cena lhe inspirava um misto de fascínio e medo. Atrás de uma árvore, ao morrer, Raval enterra sua cabeça, ao mesmo tempo em que uiva de pavor. O mestre lembra, enigmático:

Logo que Raval morre, por qualquer motivo deixei que a câmera continuasse a filmar e, subitamente, sobre a clareira misteriosa da floresta, comparável a um palco, cai um pálido raio de luz. O dia inteiro estava nublado, mas justamente quando Raval morre surge uma luz como se nós a tivéssemos preparado! (p. 238).

Raval é o segundo que prova da experiência de “morrer”.

Após o fim de Raval, Block levanta a cabeça e vê A Morte, que lhe diz: “Não vamos terminar nosso jogo?” Ela ameaça-o constantemente.

Subitamente, Jof vê a imagem da Morte e acorda Mia. Vemos que o saltimbanco Jof é abençoado, novamente, com o dom da visão que o alerta a seguir viagem sozinho com sua família e não acompanhar o “grupo pecador”. A Morte os persegue pela floresta.

Block e a Morte:

- A Morte: Vejo algo interessante.
- Block: O quê?
- A Morte: O xeque-mate será na próxima jogada.
- Block: É verdade.
- A Morte: A demora o deixou feliz?
- Block: Sim.
- A Morte: Fico feliz. Agora o deixarei. Mas no nosso próximo encontro você e seus amigos terão o seu fim.
- Block: E me contará os segredos.
- A Morte: Não esconde segredo algum.
- Block: Não sabe de nada?
- A Morte com seu olhar penetrante: Não sei de nada.

O que Block talvez, ainda não saiba, é que conhecer os segredos é um dos enigmas da Vida, as respostas não estão na Morte. O cavaleiro aceita seu fim, resignado, mas não desiste do conhecimento, das revelações da existência.

Conclusão

Conhecimento implica risco de viver e descobrir os segredos que, muitas vezes, estão mais próximos dos nossos olhos do que podemos supor. Mas a cegueira do homem seja do

século XIV ou do mundo contemporâneo é total. Por que não podemos ver a morte como a natureza vê a si mesma?

Buscando refúgio da “maldita”, o grupo chega, finalmente, à casa de Block, ao destino inevitável. Karim, a mulher dele, os recebe: - Soube pelos cavaleiros que estava voltando. Esperei aqui, todos os outros fugiram da peste. (Ela sorri). - Não me reconhece mais? (Ele sorri). - Você também mudou. (Karim se aproxima). - Agora vejo que é você. Em algum lugar nos seus olhos, em algum lugar no seu rosto, escondido e assustado está o rapaz que deixei há tantos anos. Mande os seus amigos sentarem. Preparei o café.

(Todos estão à mesa. Esta será a última refeição, a última Celebração da Vida)

- Karim: Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora.

Então vi sete anjos diante de Deus e a eles foram dadas sete trombetas.

(Alguém bate à porta, Jons levanta para ver)

- Karim continua: O primeiro anjo a tocou e uma chuva de pedras, fogo e sangue foi lançada sobre a terra e um terço da terra queimou e uma terça parte das árvores foi queimada e toda pastagem foi queimada. O segundo anjo tocou e parecia que uma grande montanha em chamas tivesse sido lançada ao mar. E uma terça parte do mar virou sangue.

O terceiro anjo tocou e do céu, caiu uma grande estrela queimando como se fosse uma labareda e esta estrela foi chamada de “Absinto”.

(Todos olham a porta, a Morte chegou)

- Block: Bom dia.

- Karim: Sou Karim, esposa do cavalheiro. Seja bem-vindo à minha casa.

- Plog: Minha profissão é de ferreiro. E posso dizer que sou muito bom. Minha esposa Lisa. Cumprimente o senhor. (Ela faz uma reverência)

- Block com as mãos sobre a cabeça: Suplico Sua prece, Senhor. Tenha misericórdia de nós, Deus. Pois somos pequenos e assustados em nossa ignorância.

- Jons para Block: Em sua alegada escuridão, onde devemos todos estar, não há ninguém para ouvir suas lamentações e sofrimentos. Limpe suas lágrimas e enxergue sua indiferença.

- Block: Deus, que está em algum lugar, deve estar, tenha piedade de nós.

- Jons: É tarde demais para ser absolvido de seus pecados eternos. Mas, neste último momento, pelo menos sinta o triunfo de enxergar e se mover.

- A jovem governanta se ajoelha diante da morte, sorri e diz: “Chegou a hora”.

Bem longe, estão Mia, Jof e o bebê ouvindo os passarinhos cantarem. Estão diante do mar.

- Jof: Eu os vejo, Mia, eu os vejo. Lá no céu tempestuoso. Todos eles! O cavaleiro Block, Jons, Raval, Skat, o ferreiro Plog e Lisa, sua esposa. E a severa Morte os convoca para dançar. Quer que todos deem as mãos para formarem uma longa fila. A Morte vai na frente com a foice e a ampulheta mas Skat vai atrás com sua lira. Eles vão dançando, se distanciando do sol em uma dança solene. Dançam rumo à escuridão, por sobre a borda de um precipício distante e a chuva cai nos seus rostos lavando as lágrimas salgadas da face.



Considerações Finais

Nas palavras de Bergman, *O Sétimo Selo* representa “o medo insano da morte”. Com base nesta incômoda afirmação, há que refletir; por que lutar contra a morte? Côrte (2005), citando o filósofo contemporâneo francês Jean Baudrillard, alerta para uma possibilidade do pensar inverso: “Cegamente, sonhamos em sobrepujar a morte por meio da imortalidade, quando o tempo todo a imortalidade é o mais terrível dos destinos possíveis” (p. 255).

Nascer, viver, envelhecer e morrer. Cumpre-se o ciclo, não há como evitar, se assim não fosse, a dor seria imensa, ver as pessoas passarem, romper através dos séculos, esta é uma imortalidade que não nos cabe, é uma vestimenta eterna e sofrida, e que assim seja, brindemos a nossa mortalidade!

Em *Todos os Homens são Mortais*, Beauvoir (1946/1983) descreve um personagem do século XIII, o conde Fosca, que atravessa o tempo e chega até nossos dias, questionando a ambição, o poder, a imortalidade, o prazer, o destino e a transcendência. A imortalidade do personagem principal “equivale a uma danação pura e simples”. Ele está condenado a jamais compreender a verdade desse mundo finito: o absoluto de toda consciência efêmera. Ele se sente punido pela imortalidade que recebe, apesar de muito tê-la desejado pela vaidade e ambição ao poder.

Para o profundo e denso Bergman (1996), com toda sua arte, sempre há um aceno de esperança, um vislumbre de salvação e isso é “Vida”, é o estar aqui, vivendo. Disto sabemos, já do “Além” nada sabemos.

Referências

- Ariés, P. (1989). *História da morte no ocidente* (2a ed.). (P. Jordão, Trad.). Lisboa: Teorema. (Original publicado em 1975).
- Beauvoir, S. (1983). *Todos os homens são mortais* (3a ed.). (S. Milliet, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1946).
- Bergman, I. (Diretor). (1956). *O sétimo selo* [DVD]. São Paulo: Versátil Home Vídeo.
- Bergman, I. (1996). *Imagens* (A. Pastor, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1990).
- Bilharinho, G. (1999). *O cinema de Bergman, Fellini e Hitchcock*. Uberaba, MG: Instituto Triangulino de Cultura.
- Concone, M. H. V. B. (2007). Medo de envelhecer ou de parecer? *Revista Kairós*, 10(2), 19-44.



Corte, B. (2005). Biotecnologia e longevidade: o envelhecimento como um problema solucionável? Em B. Corte, E. F. Mercadante & I. G. Arcuri (Orgs.). *Velhice, envelhecimento* (pp. 241-263). São Paulo: Vetor.

Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1982).

Figurelli, R. (2005). Envelhecimento e morte na obra de Ingmar Bergman. Em N. M. M. Gusmão (Org.). *Cinema, velhice e cultura* (pp. 123-134). São Paulo: Alínea.

Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido* (28a ed.). (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, Trads.). Rio de Janeiro: Vozes. (Original publicado em 1981).

Frost-Sharratt, C. (2009). O sétimo selo. Em Larousse (Org.). *501 Filmes que merecem ser vistos* (pp. 112-165). (R. Gondim, Trad.). São Paulo: Larousse. (Original publicado em 2004).

Grün, A. & Müller, M. (2010). *A alma: seu segredo e sua força* (E. Orth, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes. (Original publicado em 2008).

Huizinga, J. (1985). *O declínio da Idade Média* (2a ed.). (A. Abelaira, Trad.). Lisboa: Editora Ulisseia. (Original publicado em 1924).

Jung, C.G. (1991). Introdução à problemática da psicologia religiosa da alquimia. Em C.G. Jung. *Psicologia e alquimia* (4a ed., pp. 15-48). (M.L. Appy, M. Makray & D. M. R. F. Silva, Trads.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1944).

Monteiro, D. M. R. (2006). O enigma dos enigmas: conjunção nascimento e morte. Em D. M. R. Monteiro (Org.). *Espiritualidade e finitude* (pp. 43-64). São Paulo: Paulus.

Morin, E. (1997). *O homem e a morte* (E. A. Carvalho, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1951).

Pessini, L. (2009). Vida e morte: uma questão de dignidade. Em F. S. Santos & D. Incontri (Orgs.). *A arte de morrer* (2a ed.; pp. 159-171). Bragança Paulista, SP: Comenius.

Nota sobre as autoras

Luciana Helena Mussi é Engenheira, Psicóloga, Mestre em Gerontologia e Doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Assistente-Editorial/Revisora da Revista Kairós Gerontologia e Redatora/Colaboradora do Banco de Vídeos/Filmografia do Portal do



Envelhecimento, do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE).

Contato: lh0404@terra.com.br

Beltrina Corte é Jornalista, Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Pesquisadora/Docente/Orientadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP e Editora de conteúdo do Portal do Envelhecimento, do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE). Contato: beltrina@pucsp.br

Data de recebimento: 22/05/2012

Data de aceite: 03/09/2012